

Futebol são onze contra onze e no final ganha... o sexo

# SEXO, MORTE E FUTEBOL

« UMA HISTÓRIA À VOLTA DAS QUATRO LINHAS »

LUÍS AGUILAR



# Ficha Técnica

Título original: SEXO, MORTE E FUTEBOL

Autor: Luís Aguilar

Design de capa: Ideias com Peso

Revisão: Marta Jacinto

ISBN: 9789722043182

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2010, Luís Aguilar

© Publicações Dom Quixote, 2010

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.leya.com](http://www.dquixote.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Para eles e para ela: os três pilares essenciais da minha vida.  
Para todas as mulheres cuja beleza faz do mundo um lugar mais colorido. Para  
o Maradona, por todos os momentos de magia.

# Capítulo 1

Um dia, quando for grande, vou entrevistar o Maradona e ser o maior jornalista desportivo de todos os tempos.» Passei toda a minha infância a repetir esta frase vezes sem conta, mas esse dia nunca chegou. Em vez de realizar o sonho de fazer reportagens sobre os grandes craques do futebol, dou por mim, com 31 anos, a escrever para um semanário de necrologia, preso num trabalho entediante e a ocupar um dos lugares mais baixos da cadeia alimentar do jornalismo contemporâneo. Nos dias bons, sinto-me como aquela maçã podre que nem serve de alimento para um mendigo esfomeado. Nos dias maus, sinto-me um perfeito falhado. Ambos os sentimentos são o resultado de uma vida inteira de decisões estúpidas, apostas perdidas e erros infantis.

E porquê? Bem... poderia enumerar um conjunto de razões, culpando o sistema bancário mundial, a economia portuguesa, a especulação imobiliária, todos os ministros da educação pós-25 de Abril, o Bush, o Obama, o Osama, o Saddam, a rede de transportes públicos, a minha professora primária, os meus pais, o gato da vizinha do terceiro esquerdo, o cão do vizinho do primeiro direito, o meu colega de carteira do ciclo preparatório, todas as marcas de cerveja europeia, todas as marcas de cerveja mexicana, todas as marcas de cerveja mundiais conhecidas pelo homem civilizado desde o século xviii, toda a comida de plástico que se compra nos centros comerciais, todos os vírus informáticos que limpam discos rígidos ou as várias ganzas de má qualidade fumadas na adolescência. Podia tentar absolver-me com tudo isto e, ainda assim, continuar errado.

Pois então, qual é o grande motivo para o meu fracasso? Mulheres.

Elas são a razão para que a minha carreira de jornalista seja um desastre. De todas as vezes em que tive oportunidade de ficar a trabalhar em bons jornais, deixei-me contagiar por ilusões de paixões, tesões momentâneas ou amores não correspondidos. Foram as mulheres com quem estive e não gostei, aquelas com quem não estive, mas gostaria de ter estado e — pior ainda — aquelas com quem estive e gostei de ter estado. Confusos? Também eu. No que toca ao sexo feminino, nunca tive capacidade de me arrumar mentalmente e de agir mediante as prioridades. Sabem aqueles tipos que vão no metro, vêem uma mulher bonita a sorrir-lhes e imediatamente começam a imaginá-la de gatas, vestida de colegial e a gemer? Pois bem, eu sou um deles. O pior é que não deixo de pensar nisso quando saio na minha estação ou chego ao local de trabalho. A fantasia continua lá até ser substituída por outra. E não julguem que isto é provocado apenas por mulheres bonitas, sensuais ou jovens. Isso seria demasiado fácil de gerir e acontece com quase todos os homens heterossexuais.

A perversidade do meu cérebro vai bem mais longe. Não olha a faixas etárias ou características físicas. Todas servem para alimentar o meu estado de permanente transe sexual. Gordas, magras, velhas, novas, pobres, ricas. De todos os feitios, de todas as profissões. Podem ser porteiras de prédios abandonados, parteiras de bebês adultos, empregadas de limpeza alérgicas aos ácaros do pó, avós, tias ou mães de amigos. Se estão aí a ler isto, o mais provável é que eu já tenha imaginado um filme destes a envolver a vossa avó de 75 anos. Nunca se sabe.

Há quem lhe chame taradice sexual, mas não é bem a mesma coisa.

Há quem lhe chame atraso mental, e não anda muito longe da verdade.

Creio que isto começou na escola primária, mas piorou bastante quando entrei para a universidade. Foi aí, sem perceber, que comecei a distanciar-me perigosamente do meu sonho de criança.

Até aos 18 anos, estava completamente motivado em tornar-me o novo Gabriel Alves (para quem não conhece, este senhor é comentador de futebol, perdão... é o DEUS dos comentários de futebol). Via jogos de manhã A noite e escrevia crónicas para consumo próprio. Estava convencidíssimo de que o meu futuro passaria por ser uma grande estrela do jornalismo desportivo português. Mais: uma grande estrela do jornalismo desportivo internacional. Até mesmo o meu nome soa a jornalista desportivo. Carlos Macedo. Experimentem dizer: Carlos Macedo. Imaginava isto a toda a hora: «Já de seguida, a final da Liga dos Campeões entre Real Madrid e AC Milan com relato de Carlos Macedo e comentários de Gabriel Alves.»

Tinha mesmo ideia de que me ia safar desta forma. Os meus amigos também, os meus pais a mesma coisa, e até as pessoas que não gostavam de mim diziam que eu tinha muito jeito para falar daquilo. A senhora Otília, dona da mercearia lá do bairro, odiava-me profundamente desde que eu, com 6 anos, lhe roubei onze maçãs vermelhas e onze maçãs verdes. Motivo: fazer um Benfica-Sporting na estrada em frente da minha casa. Coloquei as maçãs do Benfica em 4x3x3, as do Sporting em 4x4x2, e fiz um relato imaginário enquanto olhava para os frutos. Quando estava a entrar nos descontos da primeira parte, a dona

Otília encontrou-me e só não me matou logo ali porque consegui fugir. Devido a esse acto de vandalismo da velhota, o jogo teve de ser interrompido quando já registava uma igualdade a dois golos. A segunda parte prometia.

Esse episódio passou-se há muitos anos, mas a dona Otília nunca mais esqueceu: «Não gosto do seu filho, mas ele percebe muito de futebol», dizia ela à minha mãe, sempre que a encontrava na rua da perto da nossa casa. Em vez de um «olá», «bom dia» ou «como está», a minha mãe tinha de ouvir diariamente um «não gosto do seu filho» por causa da minha fixação por futebol. Mas numa coisa a dona Otília tinha razão: eu percebia mesmo muito daquele desporto.

Ainda antes de entrar na escola secundária já sabia de cor e salteado as equipas-base de todos os clubes das primeiras divisões de Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra, Alemanha, França, Holanda, Rússia, por aí fora. A minha fixação era tal que até conseguia dizer quais os melhores três jogadores do campeonato iraniano na época 91/92. Hoje, quando me recordo desses tempos, também consigo reconhecer que algum desse conhecimento não era muito saudável, mas, apesar da obsessão, vivi momentos mais felizes e saborosos nesses anos do que em grande parte da vida adulta.

Claro que também ligava a miúdas e tinha as minhas paixões. A Inês foi uma das mais fortes. Era minha colega de turma desde a segunda classe e foi daquelas que me acompanhou até ao nono ano do liceu. Antes disso, no sétimo ano, aproveitei um jogo de basquetebol em educação física para fazer algo que me apetecia fazer há muito tempo: apalpei-lhe as mamas com as duas mãos. Ela tinha um casaco de fato de treino à frente e um

*soutien* por baixo, mas experimentem dizer isso a um puto de 12 anos. Para mim, naquela altura, eu tinha-lhe tocado nas mamas. Ponto final.

E o melhor veio depois: pus a cara a jeito e fiquei à espera de um estalo ou de um «estúpido, nunca mais voltas a fazer isso». Fosse qual fosse a reacção dela, seria sempre justa e eu iria acatar. Mas em vez de uma agressão ou de uma ofensa verbal, ela gostou, riu-se e devolveu-me o gesto com um toque ligeiro no meu bem mais precioso. Sentiu que estava duro, deixou ficar a mão por mais algum tempo e depois afastou-se com uma enorme gargalhada. Sei que nesse momento devia ter reagido, devia ter ido atrás dela, mas não consegui. Fiquei atónito... e completamente teso. Nesse mesmo dia, quando cheguei a casa, certifiquei-me de que os meus pais não estavam e masturbei-me três vezes antes de escrever a habitual crónica de quarta-feira sobre a relação entre os países africanos e o campeonato francês. Lembro-me que não tive a alegria habitual enquanto estava a descrever o comportamento táctico do médio senegalês de 20 anos que o Paris Saint-Germain tinha acabado de contratar, mas não liguei. Escrevi aquilo e depois fui deitar-me a pensar na Inês e na sua mão. A minha mão também me voltou a ajudar e nunca mais pararia desde então.

Depois da Inês, veio a Marta, a Sara, a Carla, a Joana, a Inês outra vez, a Inês mais uma vez, uma colega da Inês que também se chamava Inês e a Jessica. Ai... a Jessica. Doce, morena, cabelo curto, corpo torneado pela ginástica e um sinalzinho na cara que me fazia lembrar a Cindy Crawford. Excepto que, para mim, naquela altura, a Jessica era bem mais bonita do que a Cindy. Foi a minha primeira namorada a sério e, por consequência, a primeira

mulher que me partiu o coração (depois de eu partir o dela). Tínhamos os dois 17 anos. Éramos colegas de turma, sentávamo-nos lado a lado em todas as aulas e fizemos juras de fidelidade eterna. Tão bonitos que nós éramos. Nunca nada nem ninguém seria suficientemente forte para nos separar. Quando acabássemos o liceu, ela iria tirar enfermagem e eu seguiria com o meu sonho de ser o melhor jornalista de futebol alguma vez vivo... mas continuaríamos juntos até morrer.

A Jessica tinha uma irmã dois anos mais velha. E uma mãe.

Masturbei-me várias vezes a pensar nas duas enquanto namorava com a Jessica. Na altura nem me senti muito mal porque acreditava que aquela excitação provocada por mulheres mais velhas era razoável para um puto da minha idade. Na minha cabeça não passava tudo de imaginação e estava perfeitamente convicto de que amava a Jessica. O pior foi quando «curti» com a irmã dela. Era assim que dizíamos: «curtir». E eu «curti» com uma miúda mais velha. Dois anos mais velha, repito. Isso era um troféu. Mas a Jessica não quis partilhar a glória comigo:

— Odeio-te. Odeio-te mais do que tudo na vida.

Foi a primeira de muitas vezes que uma mulher me dirigiu tais palavras. Coitada da Jessica. Coitada naquela altura, entenda-se, porque hoje o coitado sou eu. Há pouco tempo tive notícias dela. É enfermeira num hospital público, tal como sonhara desde criança, e casou com o Renato. O Renato também era nosso colega de turma. Um gajo feio, com os dentes saídos para fora, que só sabia falar de passarinhos. Era doido por pássaros e transportou essa maluquice para a idade adulta. Parece que aproveitou um daqueles subsídios dados às pequenas e

médias empresas para abrir uma loja cheia de amiguinhos com asas. O negócio prosperou e hoje é proprietário de uma das maiores cadeias de animais da Península Ibérica. Chama-se *Flying Dreams* e, apesar do nome ser completamente amaricado, o Renato safou-se, é rico, e casou com a miúda mais gira do liceu. A Jessica. Aquela que foi minha namorada e que eu perdi. A Jessica foi o meu primeiro *flying dream* e voou para bem longe.

Quando ela acabou comigo, fiquei devastado. Senti-me como lixo humano. Chorei e implorei-lhe que me perdoasse, mas ela não cedeu. A Jessica era uma grande miúda. Uma miúda séria. Fez bem em não me perdoar.

Mas em puto eu tinha a tal capacidade de não misturar assuntos. Mesmo com o coração ferido, continuei concentrado no estudo e análise do futebol. Os grandes jogos e os dribles dos jogadores fantásticos aguentaram-me de pé até terminar o liceu. Acabei com média de 17 valores e consegui entrar para Comunicação Social numa universidade pública de Lisboa. Porém, no dia em que passei a porta daquele estabelecimento de ensino, afastei-me dos grandes estádios europeus e comecei a dizer olá aos moradores das campas e dos jazigos que são hoje a marca do meu dia-a-dia, embora não o tenha percebido de imediato. Apesar das várias aventuras amorosas (sempre mal geridas por mim), completei o curso em quatro anos e continuava convicto de que, dali por pouco tempo, estaria a entrevistar o Beckenbauer e o Maradona. Sobretudo o Maradona. Até imaginava a nossa conversa, num registo de grande intimidade:

— Então, Diego, e aquele golo com a mão no Mundial do México? — perguntava-lhe eu.

— Foi com a mão, sim, mas com a mão de Deus — respondia ele para depois nos desmanchamos os dois

numa enorme gargalhada.

A realidade, contudo, foi muito diferente. Ainda antes de fazer 19 anos, tive uma breve experiência como estagiário no jornal *A Bola* e pensei que estava definitivamente apontado a um futuro próspero como jornalista desportivo. No entanto, não soube agarrar esse estágio (como todos os outros que se seguiram). Passava mais tempo a olhar para as minhas colegas do que a ouvir os conselhos sábios dos camaradas mais velhos que, durante anos, foram meus heróis de infância. Mas entre as palavras de um jornalista que cobriu o Mundial de 66, e uma estagiária que eu poderia cobrir... a escolha era sempre a mesma. As constantes imagens de mamilos erectos, pernas bronzeadas e vaginas rapadas, começaram a ser cada vez mais frequentes e impediram que eu conseguisse concentrar-me no trabalho.

A cada experiência temporária num jornal ou numa rádio inventava novas regras que repetia para mim próprio todas as manhãs, enquanto me via ao espelho:

Regra n.º 1: Não mistures trabalho com sexo.

Regra n.º 2: Não vais desviar-te do teu caminho nem que ela seja uma estrela da *Playboy*.

Regra n.º 3: Primeiro o trabalho, depois o conhaque.

Regra n.º 4: Jornalismo na redacção, sexo na pensão.

Estas normas de prevenção foram mudando ao longo do tempo e das ocasiões, mas tinham sempre a mesma base e objectivo. Apesar deste exercício de gestão de prioridades nunca ter resultado, ainda hoje chego a ter a sensação, mesmo que por breves momentos, que pode funcionar: outro dos meus fatídicos e constantes auto-enganos. No fundo, são apenas palavras que se largam, mas que não se sentem. Na hora de me poder sacrificar por mim, e para mim, sempre fui fraco.

Depois de tantas experiências falhadas no jornalismo desportivo, aqueles desejos de criança começaram a desaparecer e a dar lugar às incertezas de ser um adulto sem uma vida estável num país em permanente crise financeira. O Beckenbauer e o Maradona estavam cada vez mais longe e a verdade é que eu já não podia perder muito tempo a pensar neles. Em vez do sonho, agora sabia que tinha de trabalhar. Fosse no que fosse. Tinha de pagar a mensalidade do carro, ter dinheiro para a prestação da casa e poder dar a minha contribuição para a taxa de consumo nacional. Não demorei muito tempo até começar a aceitar escrever para qualquer tipo de publicação... sobre qualquer coisa.

Cheguei a ser redactor de uma revista de decoração, mas quando o editor percebeu que eu não sabia distinguir o venguê da sucupira, chamou-me ao gabinete dele e demitiu-me:

— Este não é o teu lugar, *mon cher*.

Foi a primeira e única vez que alguém me despediu em francês. Pode até nem soar tão mal, mas vai dar ao mesmo: pouco tempo em funções para ter direito a subsídio de desemprego.

Pelo meio também escrevi para um *site* de automóveis, mas ainda hoje não sei o que é, ou onde fica, a junta da cabeça e, naturalmente, foi a minha cabeça que acabou por rolar ao fim de um sofrível mês e meio.

A única coisa boa que fiz durante todos estes anos foi nunca me ter afastado completamente do futebol. De vez em quando, ao fim de semana, escrevo crónicas de jogos das divisões inferiores para jornais regionais. O dinheiro não dá para nada, mas esses artigos de domingo permitem-me, pelo menos, estar no futebol — ainda que de forma bastante precária e numa realidade desportiva

bem diferente daquela que eu idealizava com as maçãs da dona Otília.

A minha vida profissional resume-se a isto. Não há Benfica-Sporting, não há Liga dos Campeões, não há Beckenbauer e muito menos Maradona.

Quando não estou a escrever peças sobre pessoas que acabaram de morrer, estou a escrever artigos sobre jogadores e equipas de futebol que já morreram, mas ainda não sabem. Quando não estou a fazer nenhuma destas coisas, bebo cervejas com os amigos, vejo comédias românticas sozinho e envolvo-me em aventuras ocasionais com mulheres de diferentes idades, feitios e tamanhos. Neste particular noto que os meus padrões baixaram muito nos últimos dois anos: fui para a cama com a mãe de um dos meus melhores amigos e dormi com a avó de uma ex-namorada.

Há quem lhe chame desespero, mas não é bem a mesma coisa.

Há quem lhe chame pobreza espiritual, e não anda muito longe da verdade.

Aparte isto, posso não estar na Eurosport, nem ser a estrela mais brilhante da secção de futebol internacional da BBC, mas sou o necrólogo mais conhecido entre o Montijo e o Barreiro. O necrólogo da margem sul.

Vivo sozinho em Alcochete, num T2 desarrumado, sujo e mal decorado. Não tenho animais de estimação, nem quero ter: já é difícil tratar apenas de mim. Conduzo um carro velho, comprado em segunda mão, que não anda mal e serve para me transportar sempre que quero embebedar-me no Bairro Alto ou ver um concerto no Santiago Alquimista. De segunda a sexta, a morte passa por mim entre as nove da manhã e as seis da tarde. Se moras na margem sul e queres saber quantas pessoas

faleceram em Almada durante o último mês de Março, eu sou o homem que te pode responder.

Há quem lhe chame um modo de vida, mas não é bem a mesma coisa.

Há quem lhe chame passar ao lado da vida, e não anda muito longe da verdade.

Este sou eu poucos dias antes de me apaixonar e de pensar que, finalmente, teria oportunidade de agarrar a felicidade. Era assim que me sentia antes dela entrar na minha vida.